

## INFÂNCIA E PANDEMIA<sup>1</sup>

### CHILDHOOD AND PANDEMIA

Flávia Menezes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este texto não expressa os resultados parciais ou finais de um trabalho de pesquisa, mas refrações de pensamentos para tratarmos as condições nas quais as crianças brasileiras, especialmente aquelas que ocupam as favelas e periferias das grandes cidades, se encontram diante desta pandemia que se instalou no planeta a partir de janeiro de 2020 e, aqui no Brasil, em março do mesmo ano, tornando ainda mais protuberante as veias abertas da nossa sociedade. Trata-se de uma conversa convidativa ao debate por um movimento de refundação de novas práticas com as crianças, tanto nas escolas quanto nas universidades, pelos seus grupos de pesquisa que se debruçam sobre temáticas com as crianças e a infância. Pretendemos pensar a pandemia e seus impactos trágicos, mas também olhar com atenção as iniciativas e movimentos comunitários que surgiram como reação à ausência do Estado no acolhimento às famílias e às crianças em situação de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Infância. Crianças. Pandemia. Contextos da cidade. Conversas.

**Abstract:** This text does not express the partial or final results of a research work, but refractions of thoughts to address the conditions in which Brazilian children, especially those who live in the slums and peripheries of large cities, find themselves facing this pandemic that has settled in the planet from January 2020, and here in Brazil in March of the same year, making the open veins of our society even more protruding. It is an inviting conversation to the debate for a movement to refund new practices with children, both in schools and universities, by their research groups that focus on the themes with children and childhood. We aim to think about the pandemic and its tragic impacts, but also look carefully at community initiatives and movements that emerged as a reaction to the absence of the State in welcoming families and children in vulnerable situations.

**Keywords:** Childhood. Children. Pandemic. City contexts. Conversations.

*Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa: Proibido cantar. Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa: É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem. Ou seja: Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca.*

Eduardo Galeano

Infância e pandemia, duas palavras cronotopicamente estranhas, ou melhor, que se estranham e não se entranham de forma alguma. A infância é uma palavra prene, ao contrário de pandemia, cujo sentido tóxico tem acuado a todos e todas, e não menos as crianças, aquelas que são acometidas em maior intensidade por todas as mazelas aflitivas da sociedade. Quando digo que a infância é prene, refiro-me não somente a sua pluralidade, mas aos sentidos que são possíveis pela potência da palavra: são devires, mônadas, atores sociais, sujeitos políticos, pequenos militantes, artesãos dos canteiros das obras da vida<sup>3</sup>, meninos e meninas da

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela UERJ/RJ; Mestre em Educação pela UERJ/RJ; Doutoranda em Educação pela UERJ/RJ; Professora aposentada do Colégio Pedro II campus São Cristóvão I, Rio de Janeiro. E-mail: flaviamarca37@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Aqui me atravesso em W. Benjamin (2009).

vadiagem ou na clandestinidade<sup>4</sup>, enfim, podemos tomá-la em todos os sentidos pelas crianças que circulam pela vida, vivendo suas experiências, mas especificamente neste artigo quero pensar nos meninos e meninas que perambulam lá e cá, pelas cidades, crianças andarilhas que militam a vida tendo adultos como companheiros de jornada, na luta por trabalho, moradia, saúde, educação, segurança e todas as condições cujo tecido legal que institui a vida e a cidadania das pessoas no Brasil deveria garanti-las. São essas as crianças mais afetadas pela pandemia, que, em todos os seus sinônimos, “contágio”, “andaço”, “flagelo”, “praga”, “peste”, “mal”, “surto”<sup>5</sup>, vai mostrando as “veias abertas” das grandes cidades brasileiras, parafraseando Eduardo Galeano (1971), lugares onde a pandemia da Covid-19 tem provocado os estragos maiores.

Nosso texto precisa ser atemporal. Precisa atravessar tempos e com eles se emaranhar, produzindo sentidos outros, ou a festa de renovação nos sentidos que Bakhtin (2015) traz em sua filosofia, dizendo-nos que o pequeno tempo, aquele da experiência, precisa nutrir-se no grande tempo, aquele da história, para que os sentidos ganhem potência de perspectiva de mudança ou de permanência ou tradição, caso a questão seja pensar o legado de um grupo, de um acontecimento (p. 410). Então, este texto pretende uma conversa pensando as crianças, principalmente as mais vulneráveis socialmente, no contexto da pandemia causada pela disseminação do vírus SARS-coV-2, que foi estabelecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30/01/2020, orientando o isolamento social para conter o surto. Aqui no Brasil, esse isolamento foi estabelecido a partir de 13 de março de 2020, inclusive sendo nessa data o fechamento das escolas, iniciando uma campanha para que todos e todas ficassem em casa, principalmente as crianças e os idosos. Poderíamos falar muitas coisas sobre esse acontecimento, mas, por ora, vou indicando uma visita ao Portal da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), disponível em <https://www.paho.org/pt/covid19>. Sugiro, também, uma leitura aos acontecimentos da pandemia COVID 19 no Brasil, nas mídias antifascistas, como o jornal on-line Carta Capital, Jornal Plural, The Intercept Brasil, Mídia Ninja e outros disponíveis na internet.

Portanto, pandemia é uma palavra perigosa à infância, não há empatia desta última para com a primeira. Não são oponentes, não são adversárias, mas uma de tão perigosa pode

---

<sup>4</sup> Aqui me atravesso com Machado de Assis e os meninos vadios, mundanos, que corriam livres pelo Campo de Santana, lá em meados do século XIX, em *Contos de Escola* (1884), e Clarisse Lispector e suas memórias em *Felicidade Clandestina* (1971), formas muito potentes de pensar a infância.

<sup>5</sup> <https://www.sinonimos.com.br/pandemia/>

aniquilar a outra. Penso com Boaventura de Sousa Santos (2020) que as populações de baixa renda estão ocupando o lugar dos infantes na batalha contra a Covid-19, pois são esses trabalhadores, mulheres e homens, que estão expostos ao risco de morte servindo às famílias economicamente privilegiadas na limpeza, transporte público, enfermagem, alimentação, entre outros serviços, para que possam ficar confinadas em casa se protegendo e protegendo suas crianças. Mas e as crianças desses trabalhadores e trabalhadoras, por onde andam? De fato, não sabemos. Mas, antes também não sabíamos de muitas, já que não houve, até o momento, a universalização da educação infantil em proporção satisfatória, principalmente das creches públicas, uma vez que, até 2018, cerca de 35% das crianças até 3 anos e 11 meses de idade estavam sendo atendidas em creches públicas e privadas<sup>6</sup>. Também carecemos de políticas para a infância mais efetivas, de modo que fosse possível saber que as famílias, neste tempo de pandemia, estariam trabalhando e suas crianças vivenciando experiências coletivas, se alimentando, sendo cuidadas e educadas, usufruindo plenamente daquilo que lhes é conferido por direito: a vida. Então, onde estão? Podem estar em casa, mas sabemos que a maior parte pode estar estendida no chão como Miguel<sup>7</sup>, ou nos muitos flagrantes que são registrados pelas cenas do cotidiano e colocados nas “vitrines” das redes sociais. Podem também estar dentro da carrocinha de pipoca dormindo enquanto sua mãe faz suas vendas; escanchadas nos quartos da gari, enquanto esta varre as calçadas, sem serem notadas, nem mãe e nem filha, virando invisíveis na paisagem da cidade. Estas imagens, por uma questão de cuidado, não tenho como trazer aqui, mas que certamente cada um dos meus leitores e leitoras poderiam contribuir com muitas outras.

Assim, quando leio “Infância e Pandemia”, para intitular uma conversa com a infância, tenho uma sensação de arrepio, daquele que levanta os cabelos; um mau presságio que passa deixando uma atmosfera de desesperança. Mas, neste momento não podemos desanimar, pois precisamos falar sobre isso, e muito. Precisamos evidenciar que as veias e as feridas sociais já

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.observatoriodopne.org.br/indicadores/metas/1-educacao-infantil/indicadores/porcentagem-de-criancas-de-0-a-3-anos-na-educacao-infantil/>. Acesso em 29/08/2020.

<sup>7</sup> O menino Miguel, de 5 anos, caiu de uma altura de 35 metros, aproximadamente, do 9º andar de um edifício do bairro de São José, em Pernambuco, por negligência de Sari Corte Real, patroa de sua mãe, que deveria cuidá-lo enquanto sua mãe levava o cachorro da patroa para passear. O que Miguel queria era passear com sua mãe e o cachorro. O que fazia Miguel nesse lugar? Acompanhava sua mãe no trabalho. O que fazia sua mãe? Trabalhava para que Sari, a patroa, pudesse usufruir de seus direitos ao isolamento social. Bem como Boaventura de Sousa Santos (2020) nos disse em sua *live*: os privilegiados é que estão em isolamento, os demais estão expostos, dia a dia, ao risco de morte. Mais informações em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/08/02/interna-brasil.877826/caso-miguel-esta-muito-dificil-o-silencio-na-minha-casa-afirma-mirtes.shtml>. Acesso em 29/08/2020.

estavam expostas; o fosso que separa os grupos em condições, possibilidades, direitos, raça já representava ameaças aos mais vulneráveis da sociedade: famílias de baixa renda, população de rua, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, do campo, dos assentamentos, dos movimentos sociais, mas por diversas situações e condições, certamente, as crianças estão nas extremidades, totalmente expostas. *Ex-postas*, como nos provoca Jorge Larrosa (2002), para produzirem suas culturas e encharcar os sentidos de infância, destronando as ideias que circulam em torno do que os grupos mais favorecidos consideram como “normalidade”, mas, também, expostas como os infantes, não aqueles da nobreza portuguesa e espanhola dos séculos XVI e XVII, por exemplo, herdeiros da coroa com o título de príncipes ou princesas (não que essas crianças fossem felizes por isso, porque minha questão está nos privilégios que lhes eram conferidos), mas os infantes das grandes guerras, aqueles cujo papel na infantaria é o de se expor à frente formando uma espécie de escudo humano de proteção à infantaria e, não menos, aquelas que não falam porque são *infants*, desprovidos de linguagem, aqueles cujas vozes são desconsideradas.

Quando digo que as crianças estão expostas, como infantes, não quero dizer que seus responsáveis estão sendo negligentes. Essa ideia é extremamente cruel, porque o discurso de “proteção” disfarça em si o discurso de tutela, que desconsidera as culturas das famílias de baixa renda; que considera que esses grupos, por estarem em situação de vulnerabilidade, precisam ter sua autonomia tutelada; que desconsidera que nos territórios habitados por essas famílias podemos encontrar verdadeiras redes de cuidado e proteção às crianças pequenas.

**CENSURADO**

Charge do ilustrador, desenhista e cartunista Bruno Ortiz<sup>8</sup>

Então, se os adultos que cuidam dessas crianças estão extremamente desassistidos em sua cidadania, como no caso das comunidades sem rede de esgoto, sem água potável chegando às torneiras; ou famílias sem teto, ou tendo ocupado prédios públicos abandonados, que de certa forma oneram para o Estado, mas este as considera como invasoras; famílias que enfrentam dia a dia o fogo cruzado pela guerra entre segurança pública e crime organizado, enfim, as possibilidades para evitar que as crianças estejam expostas são quase nulas. Além disso, as crianças estão na lida, como companheiras em primeira instância de suas mães e pais, irmãos mais velhos, avós, enfim, com os homens e mulheres de sua família (e as mulheres são em maioria), porque foram encontradas muitas vezes nessas situações, já que as

<sup>8</sup> Charge integrante da exposição de cartunistas da Grafar *Independência em Risco*, que teve sua abertura censurada pela Câmara Municipal de Porto Alegre, em setembro de 2019. Disponível em <https://web.facebook.com/sgarbossamarcelo/photos/a.2438287902926374/2438288516259646/> e <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/09/liberdade-de-expressao-nao-se-negocia-por-marcelo-sgarbossa/>. Acesso em 29/08/2020.

mídias capturam imagens das crianças nos acontecimentos que ocorrem pelos cantos do país, mas também posso citar Gonçalves (2018), que em sua pesquisa de campo, assim como nas leituras que fez ao longo de sua trajetória acadêmica na produção de sua dissertação de mestrado, encontrou as crianças na luta armada quando sua família era desalojada pelo Estado; nas ocupações; nos movimentos pela terra; nas manifestações contra o aumento da passagem de ônibus; contra desocupação de áreas e moradias para a construção de habitações para a classe média ou como no caso da construção dos aparelhos que sediaram a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro. Quando as encontrou, Gonçalves observou que entravam na luta com suas próprias armas: munidas de pedaços de pau, pedras, mas também cartazes e faixas, o que mostra que não estavam ali por acaso, ou por negligência ou por falta de opção em tê-las em outro espaço cuidadas por alguém enquanto seus pais seguiam na luta pela sobrevivência. As crianças estavam nas cenas capturadas por Gonçalves como companheiras arrobustando, com sua manifestação peculiar, a luta dos adultos. Sentiam-se pertencentes a essa causa (GONÇALVES, 2018, p. 20).

Assim, essas crianças morrem mais que os adultos e morrem primeiro, contrariando toda a “normalidade”. Morrem porque estão sozinhas em casa; morrem porque as balas dos fuzis não as reconhecem como pessoas com prioridade de “receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias”; morrem porque o Estado ignora seu dever na garantia de prioridade “na destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância” (BRASIL, 1990), ou como nos diz Tavares:

Sabíamos que mesmo após a aprovação da convenção dos direitos da criança, em 1989, e de seu reconhecimento jurídico no Brasil, em 1990, que as crianças historicamente não são reconhecidas como sujeito de direitos. A proclamação e o reconhecimento jurídico de seus direitos, embora traga enormes avanços à condição infantil, não transforma por efeito da publicação das normas jurídicas, as desigualdades e as discriminações contra as crianças (2014, p. 42).

Concordamos com Tavares, que em 30 anos de existência o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ainda não foi eficiente em sua possibilidade de instituir políticas de proteção que considerem os direitos das crianças como pessoas do território brasileiro; como pessoas participativas na sociedade; como pessoas ativas em suas culturas, que considerem que suas famílias não tenham que estar expostas para garantir sua sobrevivência.



Quadrinho do Armandinho, do ilustrador e cartunista Alexandre Beck<sup>9</sup>

Neste tempo de pandemia as veias de Galeano estão protuberantes em todos os lugares do país, mas precisamos nos ocupar com as crianças e famílias que agonizam nessas veias abertas. Tenho pensado nas formas pelas quais sobrevivem a essa situação de pandemia; tenho pensado nas suas perdas, nas suas dores.



Charge do cartunista Tiago Recchia<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Parte do Quadrinho integrante da exposição de cartunistas da Grafar *Independência em Risco*, que teve sua abertura censurada pela Câmara Municipal de Porto Alegre, em setembro de 2019. Disponível em <https://web.facebook.com/sgarbosamarcelo/photos/a.2438287902926374/2438288516259646/> e <https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2019/09/liberdade-de-expressao-nao-se-negocia-por-marcelo-sgarbossa/>. Acesso em 29/08/2020.

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.plural.jor.br/charges/tiago>. Acesso em 29/08/2020

A orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 30 de janeiro de 2020, para que os governantes estabelecessem o isolamento social, principalmente nas localidades em que fossem diagnosticados casos da Covid-19, foi a origem do desvelamento que colocou em evidência o fosso social brasileiro, de uma forma vergonhosa, na qual o cartunista soube bem como traduzir. É fato que não estamos no mesmo barco. O isolamento social é uma controvérsia e se configura em um estado de exceção para muitos brasileiros e brasileiras: “Não tenho casa para me isolar; não posso trabalhar; não tenho com quem deixar meus filhos; não tenho como garantir todas as refeições que a escola garantia”, enfim, em nome do direito ao isolamento, muitas famílias tiveram seus direitos, que já não eram tão dignos, suspensos. Entretanto, combinamos com Sampaio (2020) que o isolamento social suspendeu o tempo *cronos* e todas os seus ritos e rituais criando um tempo livre diferente, preenchido de brechas pelas quais as crianças estão criando recheios com suas experiências. Leite Filho (2020) nos diz que as crianças das classes populares estão isoladas do espaço não doméstico, que é a escola, porque estão impedidas de frequentá-la, e nós, pessoas da escola e da pesquisa, estamos impedidos e impedidas de saber o que elas estão fazendo, como estão vivendo esse tempo diferente, o que estão aprendendo, o que estão ganhando e o que estão perdendo, enfim, quais são as suas alegrias, suas dores e suas histórias. Assim, cabe a nós esse movimento: produzir *lives*, encontros, textos em dossiês e publicá-los como forma de militância com essas crianças e famílias sequestradas pela pandemia.

Outra questão é quando tudo isso passar, pois devemos nos preparar para encontrar essas crianças nesse espaço que lhes foi suspenso (a escola). Preparar no sentido de nutrição: nutrir os olhos, a boca e os ouvidos, nutrir a mente e as mãos com uma pedagogia da escuta ou “das insignificâncias”, como nos disse Leite Filho (2020), seja no exercício da docência, seja na prática da pesquisa. Pedagogia da escuta para aprender com essa onda humanitária que se estabeleceu nos territórios habitados pelas populações de baixa renda. O jornal *The Intercept Brasil* levantou movimentos que surgiram nas próprias comunidades para apoio aos mais vulneráveis na luta contra a Covid-19: “Paraisópolis, em São Paulo, que montou sua própria rede de atendimento de saúde. E do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, onde foi criado um gabinete de crise por três coletivos: o Voz das Comunidades, o Mulheres em Ação no Alemão e o Coletivo Papo Reto”<sup>11</sup>. Ações que envolvem a distribuição de

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://theintercept.com/2020/04/09/coronavirus-brasil-apoio-covid-mascara/>. Acesso em 29/08/2020.



máscaras e materiais de higiene, cestas básicas, esclarecimento à população, ajuda solidária com atividades para as crianças enquanto seus pais procuram uma forma de conseguir trabalho e renda, entre muitas outras formas de mobilização comunitária produzida no ventre da comunidade por pessoas da comunidade, portanto, um saber e um fazer que nos escapam e dos quais precisamos nos apropriar com urgência, ou, como nos diz Sampaio (2020), as crianças terão muito o que nos ensinar, professores e pesquisadores, quando nos encontrarmos com elas; muito do que viveram e aprenderam nesse mergulho no espaço doméstico, que não se restringe à casa, mas à praça, aos locais da comunidade, às lajes dos amigos e amigas, às ruas, aos morros. Um saber e um fazer que não se constituíram neste tempo de pandemia, mas foi nesse tempo, diante da protuberância das “veias abertas da sociedade”, que nos disponibilizamos para enxergá-los, pois não há mais como ignorá-los; não há como produzir um saber e um fazer para essas crianças alheios a elas e as suas culturas, aos seus enfrentamentos, a tudo aquilo que pulsa nos seus territórios de pertença. Olhar com atenção todas as iniciativas comunitárias que surgiram como reação e resistência a essa política da ausência que a pandemia desmascarou e tomá-las como ingredientes para um projeto de educação novo, transformado.

## Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Tradução Paulo Bezerra. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2015.

BRASIL, Casa Civil. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA**. Brasília, 1990.

GONÇALVES, Bárbara de Oliveira. **Sorrisos infantis na luta pela terra: A participação das crianças na vida política da sociedade**. 2018, 241 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

LEITE FILHO, Aristeo Gonçalves. **Educação Infantil pós pandemia: linhas e práticas**. COGEPE Fiocruz. YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ilcMppqCwcU>. Acesso em 09/07/2020.

SAMPAIO, Carmem Sanches. **Educação Infantil pós pandemia: linhas e práticas**. COGEPE Fiocruz. YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ilcMppqCwcU>. Acesso em 09/07/2020.

SANTOS, Boaventura Sousa de. **A cruel pedagogia do vírus: uma conversa com Boaventura de Sousa Santos**. Conversas Impertinentes #3. TV Lepete. YouTube, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wMwdZYJLKdA>. Acesso em 12/05/2020.

TAVARES, Maria Tereza Goudart. Infância(s) em periferias urbanas: o direito à cidade e a formação das professoras da infância numa escola de Educação Infantil. **RevistAleph**. Ano XI, Nº 22, Dezembro 2014.